



## A hidronímia preservada nos Sertões de Araraquara-SP

### The preserved hydronymy in the Araraquara-SP hinterland

Jorge Augusto Leite\* 

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa\*\* 

**RESUMO:** Os nomes próprios de lugares remontam ao nosso passado e as nossas origens, e a partir deles é possível realizar um estudo toponímico interdisciplinar, uma vez que a toponímia se interliga com outras ciências. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo apresentar um recorte de uma pesquisa sobre a toponímia rural física, por meio da leitura de cartas de sesmarias, seguindo como pressupostos teórico-metodológico Backheuser (1952); Stewart (1954); Dick (1992), Cambraia (2001) e Isquierdo e Dargel (2018). Considerando o espaço que Araraquara-SP abrangia no século XIX, tal qual era conhecido como *sertão*, o *corpus* para o estudo foi o livro Registros de Propriedades Rurais do Município de Araraquara-SP (1855-1858) e os mapas cartográficos do IBGE. Foram inventariados 107 hidrônimos mencionados nas escrituras, e a partir da região central do Estado de São Paulo, a qual foi delimitada para este estudo, 22 circundam o espaço. A análise constatou que, nos topônimos, elementos de natureza circundante, como a *água* e a *fauna*, foram os aspectos motivadores predominantes de maior ocorrência nos hidrônimos analisados. Além disso, comprovou-se, mesmo que minimamente, hidrônimos que motivaram os nomes de cidades.

**ABSTRACT:** The proper names of places go back to our past and our origins, and from them it is possible to carry out an interdisciplinary toponymic study, since toponymy is interconnected with other sciences. In this sense, this article aims to present an excerpt from a research on physical rural toponymy, through the reading of sesmarias letters, following the theoretical-methodological assumptions of Backheuser (1952); Stewart (1954); Dick (1992), Cambraia (2001) and Isquierdo and Dargel (2018). Considering the space that Araraquara-SP covered in the 19th century, as it was known as *sertão* (hinterlands), the corpus for the study was the book Registros de Propriedades Rurais do Município de Araraquara-SP (1855-1858) and cartographic maps from IBGE. Then, 107 hydronyms mentioned in the scriptures were inventoried, and from the central region of the State of São Paulo, which was delimited for this study, 22 surround the space. The analysis found that, in the toponyms, elements of the surrounding nature, such as water and fauna, were the predominant motivating aspects of greater occurrence in the analyzed hydronyms. In addition, it was proved, even if minimally, that hydronyms motivated the names of cities.

\* Doutorando no PPGEL/UNESP. [jorge.leite@unesp.br](mailto:jorge.leite@unesp.br)

\*\* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP. [jtm.jau@uol.com.br](mailto:jtm.jau@uol.com.br)

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Hidrônimos. Cartas de sesmarias. Araraquara-SP.

**KEYWORDS:** Hydronyms. Sesmarias' Letters. Araraquara-SP.

---

## 1 Introdução

Nomear seres, lugares, objetos e sensações é uma prática do ser humano há tempos. Existe uma inquietação na sociedade caso haja um lugar ou objeto, por exemplo, que não foi nomeado. Em se tratando, sobretudo, de um ambiente, existe uma variedade de nuances significativas que se refletem nas características físicas, objetivas e reais do lugar. Desse modo, a atividade de nomear entra em um processo do signo linguístico – de natureza arbitrária -, e da circunstância em que se encontra o denominador, o qual formula ideias para escolher elementos designativos que estejam a par da cosmovisão cujos atributos do meio ambiente influenciam no ato de batismo.

É nesse sentido que, na maioria das vezes, um espaço nomeado é motivado por alguma de suas características físicas, reais e/ou objetivas do lugar. Ou, ainda, o denominador manifesta aspectos de sua vivência e os projeta no espaço geográfico no ato de batismo. Pires de Oliveira (1997, p. 53) salienta a respeito da língua, que,

toda a língua, através do universo vocabular que a liga ao mundo exterior, reflete a cultura da sociedade à qual serve de expressão e interação social. E como o usuário da língua vai constituindo seu vocabulário ao longo da vida, podemos dizer que o léxico se configura como somatório das experiências próprias de uma sociedade e de sua cultura.

Ou seja, a língua natural espelha a cosmovisão de seus usuários a partir do seu léxico. Este pode ser entendido como o conjunto de palavras de uma língua natural, é o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de um idioma, e como tal, é considerado como o patrimônio vocabular. Desse modo, o léxico envolve a sociedade, a cultura, o ambiente, a língua e o homem.

O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo, no âmbito dos estudo léxico, cujo foco se dá na análise de nomes de rios mencionados em registros

de propriedades rurais no século XIX na região central do Estado de São Paulo. O objetivo principal é investigar o que os nomes de rios podem revelar na perspectiva da toponímia.

## 2 Pressupostos teóricos

Um espaço nomeado recebe influências externas ou subjetivas e transparece nos nomes próprios de lugares nas mais diversas origens e procedências. Uma das disciplinas que se integra aos estudos do léxico é a Toponímia, esta estuda os designativos geográficos, isto é, os topônimos, e teve seu precursor o linguista francês August Lognon<sup>1</sup>. Já no Brasil, a pioneira dos estudos toponímicos foi Dick, estudiosa da área cujos trabalhos são referência até hoje.

Dick (1992) concebe um modelo de categorização que considera a motivação semântica subjacente ao elemento específico do topônimo. Em outras palavras, o próprio significado do nome do lugar evoca uma motivação semântica no plano sincrônico da língua. Além disso, a partir do nome e do espaço em que o topônimo se encontra, é possível compreender as causas denominativas. Sob esta ótica, a questão do duplo aspecto da motivação semântica entra em evidência, sendo, pois, o primeiro uma perspectiva que se dá a partir da intencionalidade do denominador, isto é, ele entra em um processo seletivo na atribuição do nome ao topônimo. Já o segundo concerne a uma concepção por meio da origem semântica da denominação ao elemento geográfico e sua transparência ou opacidade em se tratando do significado no que se refere ao espaço em que se encontra.

Dick (1992) estabelece um modelo de classificação toponímica e os separa em dois amplos grupos por natureza:

---

<sup>1</sup> Dick (1990, p. 1) informa que “O aparecimento da Toponímia como um corpo disciplinar sistematizado, ocorreu na Europa, mais particularmente na França, por volta de 1878 quando Auguste Longnon introduziu os seus estudos, em caráter regular, na École Pratique des Hautes-Études e no Colégio de França”.

Quadro 1 – Taxionomias de natureza física e antropocultural, conforme Dick (1992)<sup>2</sup>.

<b>Taxionomias de natureza física</b>		
<b>Taxionomia</b>	<b>Aspectos predominantes motivadores</b>	<b>Exemplos de localidades</b>
Astrotopônimo	“[...] topônimos relativos a corpos celestes em geral” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Estrela D'Oeste</i> (SP)
Cardinotopônimo	“[...] topônimos relativos a posições geográficas em geral” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Córrego da Divisa</i> <i>Córrego do Meio</i> <i>Fazenda Alto Alegre</i>
Cromotopônimo	“[...] topônimos relativos à escala cromática” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Fazenda Água Azul</i> (SP)
Dimensiotopônimo	“[...] topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Salto Grande</i> (SP)
Fitotopônimo	“[...] topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Fazenda Bocaiúva</i> (SP) <i>Sítio Palmeiras</i> (SP)
Geomorfotopônimo	“[...] topônimos relativos as formas topográficas, depressões do terreno, formações litorâneas” (DICK, 1992, p. 31)	<i>Fazenda Barrinha</i> (SP)
Hidrotopônimo	“[...] topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Fazenda Rio Jacaré</i> (SP)
Litotopônimo	“[...] topônimos de índole mineral, relativos também a constituição do solo” (DICK, 1992, p. 31).	<i>Córrego Lajeado</i> (SP)
Meteorotopônimo	“[...] topônimos relativos à fenômenos atmosféricos” (DICK, 1992, p. 32).	<i>Fazenda Serra</i> (SP)
Morfotopônimo	“[...] topônimos que refletem o sentido de forma geométrica” (DICK, 1992, p. 32).	<i>Fazenda Morro Alto</i> (SP)
Zootopônimo	“[...] topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos, não domésticos e da mesma espécie em grupos” (DICK, 1992, p. 32).	<i>Rio Jacaré-Guaçu</i> (SP)
<b>Taxionomias de natureza antropocultural</b>		

<sup>2</sup> Os exemplos apresentados foram a partir da região do Estado de São Paulo. Para tanto, não houve registros de exemplos das seguintes taxionomias, a saber: Cardinotopônimo e Somatopônimo, por isso, foram usados os dados de Dick (1992).

Animotopônimo	“[...] topônimos relativos à vida psíquica, a cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano” (DICK, 1992, p. 32).	Fazenda <i>Boa Vista</i> (SP)
Antropotopônimo	“[...] topônimos relativos aos nomes próprios individuais” (DICK, 1992, p. 32).	Fazenda <i>João Batista</i> (SP)
Axiotopônimo	“[...] topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais” (DICK, 1992, p. 32).	Rua <i>Padre Noronha</i> (SP)
Corotopônimo	“[...] topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes” (DICK, 1992, p. 32).	Rua <i>Boa Esperança do Sul</i> (SP)
Cronotopônimo	“[...]topônimos que encerram indicadores cronológicos representado, em toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha” (DICK, 1992, p. 32).	Fazenda <i>Nova Itaquerê</i> (SP)
Ecotopônimo	“[...] topônimos relativos às habitações de um modo geral” (DICK, 1992, p. 33).	Sesmaria <i>do Rancho Queimado</i> (SP)
Ergotopônimos	“[...] topônimos relativos aos elementos da cultura material” (DICK, 1992, p. 33).	Rua <i>do Forno</i> (SP)
Etnotopônimo	“[...] topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas)” (DICK, 1992, p. 33).	Ribeirão <i>do Quilombo</i> (SP)
Dirrematopônimo	“[...] topônimos construídos por frases ou enunciados linguísticos” (DICK, 1992, p. 33).	Rua <i>Pássaros e Flores</i> (SP)
Hierotopônimo	“[...] topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças. Oshierotopônimos subdividem-se em hagiotopônimos e mitotopônimos” (DICK, 1992, p. 33).	Fazenda <i>Santa Fé</i> (SP)
Hagiotopônimo	“[...] topônimos relativos aos santos e santas” (DICK, 1992, p. 33).	Fazenda <i>Santa Lúcia</i> (SP)
Mitotopônimo	“[...] topônimos relativos as entidades mitológicas” (DICK, 1992, p. 33).	Rua <i>Afrodite</i> (SP)
Historiotopônimo	“[...] topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como datas correspondentes” (DICK, 1992, p. 33)	Rua <i>7 de setembro</i> (SP)
Hodotopônimo	“[...] topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana” (DICK, 1992, p. 33).	Fazenda <i>Ponte Alta</i> (SP)

Numerotopônimo	“[...] topônimos relativos aos adjetivos numerais.” (DICK, 1992, p. 33)	Fazenda <i>Três Irmãs</i>
Poliotopônimo	“[...] topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial” (DICK, 1992, p. 33).	Bairro <i>Vila Xavier (SP)</i>
Sociotopônimo	“[...] topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade” (DICK, 1992, p. 33).	Sítio <i>do Paiol (SP)</i>
Somatotopônimo	“[...] topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal” (DICK, 1992, p. 34).	<i>Pé de Boi (AH, SE)</i> <i>Pé de Galinha (AH, BA)</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

Os topônimos de natureza física podem se fixar localmente e “nunca ultrapassar, na prática, os limites geográficos de sua região; nem por isso deixará de revestir a feição histórica que se lhe aponta” (DICK, 1990, p. 107). Eles refletem um amálgama de léxico e cultura, e, com isso, permitem lhes dar uma “condição toponímica” para serem rememorados. Nesse sentido, o nome próprio de lugar é considerado como um testemunho de uma sociedade, analogamente às afirmações de Matoré (1953, p. 65), que denomina a palavra *mots-témoins*. Ou seja, o designativo geográfico reveste a história do lugar, uma vez que como tal remonta ao passado, seja a partir da palavra em seu processo etimológico, seja ao encontrar as causas denominativas, por exemplo.

## 2.1 Hidronímia

No livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, nos versículos iniciais do Gênesis, aparecem os nomes de acidentes geográficos, rios que tinham sua nascente no Jardim do Éden – Pison (ou Fison), Ghion (ou Geon), Tigre (ou Tigris) e o Eufrates (ou Euphrates). Destes, os dois primeiros circundam as terras de Havilá e Cuse, e o terceiro “corre pelo oriente da Assíria”. Assim, nota-se como as civilizações buscam os rios para se estabelecerem próximo a eles. Os caminhos fluviais são uma fonte

preponderante para os estudos da toponímia, uma vez que as margens dos rios podem ser espaços onde surgem os primeiros povoados e vilarejos que se expandem ao longo do tempo. Um exemplo é a região do Ribeirão do Ouro, um nome de rio localizado em Araraquara-SP, onde foram doadas sesmarias em suas proximidades. Isso resultou no surgimento dos primeiros vilarejos e na criação da Freguesia de São Bento de Araraquara em 1817. Além disso, nas margens do Rio Boa Esperança, também no território de Araraquara, foi formado o Patrimônio da Capela de São Sebastião em 1887 e posteriormente, em 1898, Boa Esperança foi elevada a município.

No ramo da Onomástica, ciência que se dedica ao estudo dos nomes próprios, a água situa-se em um campo específico denominado *hidronímia*, e segundo Isquierdo e Seabra (2010 p. 88) é “o conjunto de acidentes geográficos que designam correntes hídricas (rios, córregos, corixos, lagoa, baia, salto, cachoeira...)”. Cabe salientar que os hidrônimos são um dos acidentes geográficos que mais preserva seus traços, ou seja, não sofrem mudanças. Além disso, eles servem não só como pontos de referência para os seres humanos, mas também como inspiração nos nomes das cidades, em muitos casos.

Há muitos registros de hidrônimos, por exemplo, como pontos de referência, em cartas de sesmarias<sup>3</sup> ou em registros de propriedades rurais, tendo em vista que devido a escassez de mapas na época, a descrição de onde se situa a propriedade adquirida por um pleiteante era um fator preponderante para os leitores. Desde o Período Colonial, tais cartas têm significativa importância por representar o primeiro período de aquisição de propriedades rurais. O sistema de sesmarialismo foi instituído a partir de terras desocupadas doadas como uma forma de as deixar produtivas e ocupadas por pessoas. Nesse sentido, essas escrituras são documentos de suma

---

<sup>3</sup> No século XVIII houve o sistema de sesmarialismo, o qual surgiu a partir da necessidade da Coroa Portuguesa de apropriação de terras que eram consideradas desocupadas e que não tinham donos. A partir disso, os interessados em adquirir uma porção de terras deveriam solicitar ao rei de Portugal. Caso fosse aceita a solicitação, o pleiteante recebia do rei uma carta de sesmaria, um documento de doação em que havia informações como a localização, os limites e a extensão da terra doada.

importância para compreender como ocorria esse processo de aquisição dos sesmeiros, bem como ser o testemunho da origem dos primeiros povos no local.

A título de exemplo, a escritura a seguir pode ser encontrada no livro Registros de Propriedades Rurais do município de Araraquara – SP (1855-1858). A escritura é o número oitenta e nove do livro, e descreve o processo de aquisição com as seguintes informações, a saber: i) data; ii) lugar; iii) nome do pleiteante; iv) pontos de referência onde a sesmaria se encontra (nomes de rios); v) tamanho do local (em alqueires); iv) data; vi) nome do pleiteante; vii) assinatura do escritor. Ao lado da carta, está a transcrição em edição semidiplomática em posição justalinear (CAMBRAIA, 2001), isto é, a reprodução fiel do documento original em que se preserva a grafia, sinais e abreviaturas.

Figura 1 – Escritura de sesmaria do século XIX.

<p>N.º 89 - Numero oitenta e nove. Aos vinte e seis dias do mes de Novembro de mil oitocentos e cinco, nesta Villa de São Bento de Araraquara por Escolástica Francisca da Piedade me foi apresentado hum titulo de Terras para ser registrado, o qual he do theor seguinte. Escolástica Francisca da Piedade, he possuidora de huma parte de terras na Sismaria do finado Antonio Ferraz na margem do Rio Jacaré, ditas terras estão cituadas no Ribeirão do Ouro e Chibarro, e ditas terras lhe tocou por herança de seos finados Pais de que se calcula ser mais ou menos cincoenta alqueires as quais se achão proceduvers. Araquara vinte e seis de Novembro de mil oitocentos e cinco. Escolástica Francisca da Piedade Joaquim Cypriano de Camargo.</p>	<p>Numero oitenta e nove. Aos vinte e seis dias do mez de Novembro de mil oitocentos e cinco, nesta Villa de São Bento de Araraquara por <u>Escolástica Francisca de Piedade</u> me foi apresentado hum titulo de terras para ser registrado, o qual he do theorsiguinte. Escolástica Francisca da Piedade, he possuidora de huma parte de terras na Sismaria do finado Antonio Ferraz na margem do <u>Rio Jacaré</u>, ditas terras estão cituadas no <u>ribeirão do Ouro e Chibarro</u>, e ditas terras lhe tocou por herança de seos finados Pais de que se calcula ser mais ou menos cincoenta alqueires as quais se achão pró-indivizo. Araquara vinte e seis de Novembro de mil oitocentos e cinco. Escolástica Francisca da Piedade. Joaquim Cypriano de Camargo.</p>
--	---

Fonte: elaborado pelos autores.



Nota-se, na carta de sesmaria, a menção dos hidrônimos Rio Jacaré, Ribeirão do Ouro e Chibarro, o que comprova que são uma forma de situar onde está localizada a propriedade adquirida por Escolástica Francisca da Piedade. Ou seja, ao investigar um nome de lugar, o estudioso adentra na história a partir de documentos oficiais e da época em que se encontram. Nesse viés, Bynon (1995) disserta sobre a pesquisa linguística toponímica a partir de escrituras:

O outro caminho a ser explorado, a saber, a análise linguística de nomes de lugares, tem a indubitável vantagem para o pré-historiador (da linguagem) de o referente estar localizado (com precisão) no espaço geográfico e, em casos afortunados, os (mesmos) lugares serem mencionados em fontes escritas anteriores. Nomes de lugares que incluem nomes de povoados e de traços geográficos tais como montanhas e rios, tendem, como fósseis, a sobreviver mesmo a uma total substituição da língua. Seu potencial para formar uma ligação entre a arqueologia e a linguística é, conseqüentemente, considerável. (BYNON, 1995, p. 263)<sup>4</sup>

Compreende-se a interdisciplinaridade que a toponímia possui, principalmente no que concerne aos designativos geográficos de acidentes físicos. A simbiose entre a toponímia e outras áreas como a história ou a geografia, por exemplo, é tão idiossincrática que é impossível não as interligar. Pode-se ver, por exemplo, em Ribeirão dos Negros, hidrônimo que deságua no Rio do Quilombo, no município de São Carlos. Ao se analisar a causa denominativa do nome, necessita-se buscar historicamente se na época houve algum acontecimento ou movimento histórico/social que contribuiu para que o curso d'água recebesse tal nome. Nesse caso, ele tem esse nome devido a sua história ligada à escravidão no Brasil. A região onde ele está

---

<sup>4</sup> The one further avenue to be explored, namely the linguistic analysis of place-names, has the undoubted advantage to the prehistorian that the referent is squarely located in geographic space and that, in fortunate cases, places are mentioned in early written sources. Place-names, which include the names of settlements and of geographical features such as mountains and rivers, tend like fossils to survive even total language replacement. Their potential for forming a link between archaeology and linguistics is therefore considerable. (Tradução nossa).

localizado era uma área de grande concentração de fazendas de café durante o período colonial e imperial. Muitas dessas fazendas utilizavam mão de obra escrava para a produção de café. Desse modo, o nome "Ribeirão dos Negros" faz referência aos escravos que trabalhavam nessas fazendas e que muitas vezes fugiam para se esconder nas margens do rio.

### 3 Metodologia

A análise apresentada neste texto é apenas um recorte de uma pesquisa de doutoramento. Assim, este artigo objetiva-se apresentar uma amostra de hidrônimos que foram investigados na perspectiva dos estudos do léxico, em específico, no âmbito da toponímia. O processo de investigação se deu a partir da inventariação de 638 escrituras que se encontram no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Tais registros de terras mencionam muitos acidentes geográficos de índole hidrográfica, o que permitiu realizar uma pesquisa toponímica e histórica. Foram 107 hidrônimos mencionados.

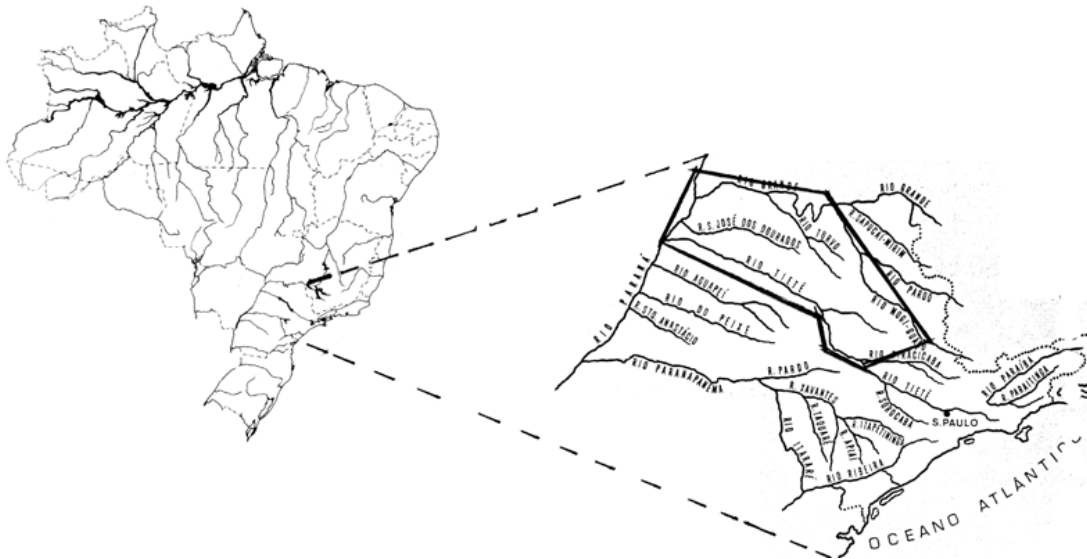
A motivação para esta pesquisa foi a partir da expressão que o município de Araraquara era chamado no século XIX: *Os Sertões de Araraquara*. E como tal, ela foi criada a partir de

uma designação genérica pela memória coletiva da comunidade para uma área situada ao norte do Rio Piracicaba, da margem direita, que se estendia seguindo os rios Tietê e Mogi Guaçu. Nesse sentido, os sertões se iniciavam na região do Morro de Araraquara e iam até as nascentes do rio Jacaré-Pipira. Talvez pelo fato de a zona do interior ser pouco conhecida, a região norte do rio Piracicaba era tida como "sertão", contrastando com a região já conhecida da margem esquerda daquele rio, principalmente pelos paulistas. (LEITE, 2021, p. 33)

Foi, inclusive, nesse espaço onde o município abrangia que houve o sistema de sesmariamento, a aquisição de propriedades rurais. Nesse sentido, mais uma vez percebe-se como os caminhos fluviais circundam sempre territórios que o homem

adquire domínio. A seguir, o mapa onde os sertões de Araraquara estão localizados no século XIX.

Figura 2 —Localização dos Sertões de Araraquara.



Fonte: Mano (2006, p. 12).

Dessa maneira, em relação ao espaço que o município de Araraquara/SP ocupava no período colonial, questiona-se:

- i) quantos municípios se emanciparam, após o Período Colonial, nos limites que Araraquara/SP abrangia até os dias de hoje?
- ii) os nomes dos rios mencionados estão preservados até hoje?
- iii) há tendência de o nome do rio inspirar o nome da cidade?

Depois da primeira etapa da pesquisa, a qual foi a constituição do *corpus* a partir dos Registros de Propriedades Rurais do município de Araraquara – SP (1855-1858), o segundo momento iniciou-se com o processo de transcrição em Edição Semidiplomática (CAMBRAIA, 2001). E como tal, foi fundamental para continuar a segunda etapa: inventariar os hidrônimos mencionados nas escrituras. Após o processo de inventariação, foi possível analisar esses topônimos à luz da toponímia (DICK, 1992), com vistas a investigar suas causas denominativas (DARGEL; ISQUERDO, 2018). Por fim, na terceira etapa, após a análise, observou-se e comparou-



Tendo em vista que o Estado de São Paulo possui várias regiões, esta pesquisa teve como foco a região central, que abrange as seguintes cidades, a saber: Américo Brasiliense; Araraquara; Boa Esperança do Sul; Borborema; Cândido Rodrigues ; Descalvado; Dobrada; Dourado; Fernando Prestes; Gavião Peixoto; Ibaté; Ibitinga; Itápolis; Matão; Motuca; Nova Europa; Porto Ferreira; Ribeirão Bonito; Rincão; Santa Ernestina; Santa Lúcia; Santa Rita do Passa Quatro; São Carlos; Tabatinga; Taquaritinga e Trabiçu. Pode-se ver também não só a macrotoponímia, como também a microtoponímia, em especial, os hidrônimos mais conhecidos. Vale reiterar que os *Sertões de Araraquara* abrangiam toda esta região.

#### 4 Resultados

Dos 107 hidrônimos inventariados nas 638 cartas de sesmarias, 22 perpassam os municípios que integram a região central do Estado de São Paulo. O quadro a seguir fornece: i) hidrônimos; ii) cidades em que cada um perpassa; iii) as respectivas cartas em que eles foram mencionados e; iv) fonte.

Quadro 2 – Hidrônimos preservados e os municípios onde se encontram.

Hidrônimos	Cidades que o hidrônimo perpassa	Cartas <sup>6</sup>
<b>Córrego Água Limpa</b>	Descalvado.	30; 614.
<b>Córrego da Onça</b>	Cândido Rodrigues; Fernando Prestes e Matão.	257; 298.
<b>Córrego Fundo</b>	Santa Lúcia.	127; 175; 554; 596.
<b>Córrego/Ribeirão Lageado</b>	Matão.	496; 604.
<b>Ribeirão Bonito</b>	Ibaté.	143; 266.
<b>Ribeirão da Paciência</b>	Rincão.	51.
<b>Ribeirão das Anhumas</b>	Américo Brasiliense; Araraquara e Descalvado.	15; 28; 104; 232; 265; 614.

<sup>6</sup> As cartas estão disponíveis no Arquivo Público de São Paulo. Para tanto, em Truzzi e Follis (2012) há um CD em que elas foram disponibilizadas para trabalhos futuros. Por isso, podem ser visualizadas no drive em que colocamos: <https://drive.google.com/drive/folders/1aVJNZU0OjPZme-LWveaUJVrsXSHQydR8?usp=sharing>.

<b>Ribeirão das Cabaceiras</b>	Américo Brasiliense e Araraquara.	378.
<b>Ribeirão do Bebedouro</b>	Descalvado; Dourado e Santa Rita do Passa Quatro.	47; 601; 634.
<b>Ribeirão do Quilombo</b>	Dourado e São Carlos.	459.
<b>Ribeirão dos Porcos</b>	Dobrada; Fernando Prestes; Ibitinga; Itápolis; Santa Ernestina e Taquaritinga.	8; 68; 153; 176; 177; 183; 215; 217; 235; 236; 237; 238; 239; 309; 312; 322; 323; 324; 325; 327; 328; 369; 567.
<b>Ribeirão Itaquerê</b>	Gavião Peixoto e Nova Europa.	333; 410.
<b>Ribeirão São João</b>	Descalvado; Matão e Tabatinga.	05; 06; 148; 215.
<b>Rio Boa Esperança (cabeceira)</b>	Boa Esperança do Sul; Dourado; Ribeirão Bonito e Trabiju.	204; 210; 317; 319; 365; 379; 418; 419; 434; 437.
<b>Ribeirão do Chibarro</b>	Araraquara; Ibaté e São Carlos.	89; 100; 172; 268; 362; 427; 429; 430; 558; 559.
<b>Rio dos Porcos</b>	Borborema.	316.
<b>Rio Jacaré Guaçu</b>	Araraquara; Boa Esperança do Sul; Ibaté; Gavião Peixoto; Ibitinga; Nova Europa; Ribeirão Bonito; São Carlos e Tabatinga.	06; 61; 74; 84; 88; 89; 118; 168; 192; 227; 247; 261; 264; 275; 279; 280; 281; 319; 331; 338; 358; 384; 410; 439; 443; 461; 463; 476; 477; 503; 523; 524; 568.
<b>Rio Jacaré Pepira</b>	Boa Esperança do Sul; Borborema e Dourado.	118; 122; 247; 379; 380; 439; 504; 555; 616; 617; 620; 621; 624; 625; 626; 637.
<b>Rio Mogi-Guaçu</b>	Araraquara; Descalvado; Motuca; Porto Ferreira; Rincão; Santa Rita do Passa Quatro e São Carlos.	23; 86; 151; 214; 249; 635.
<b>Rio São Lourenço</b>	Borborema; Dobrada; Ibitinga; Itápolis; Matão; Tabatinga e Taquaritinga.	152.
<b>Rio Tietê</b>	Borborema e Ibitinga.	51; 63; 64; 67; 69; 138; 151; 259; 360; 399; 415; 416; 424; 465; 481; 482; 483; 484; 486; 487; 488; 491; 492; 504; 522; 572; 574; 605; 608; 613; 627; 630.
<b>Ribeirão do Ouro</b>	Araraquara.	89; 184; 193; 254; 428.

Fonte: elaborado pelos autores, com base em Mapas do IBGE (1:50.000); Livro dos Municípios do Estado de São Paulo.

É notório que os hidrônimos mais conhecidos da região central do Estado de São Paulo são os que mais são mencionados nas cartas, a saber: *Rio Jacaré-Guaçu, Rio Jacaré-Pepira, Ribeirão dos Porcos, Ribeirão do Chibarro e Rio Boa Esperança*.

No que diz respeito às causas denominativas, os sintagmas toponímicos apresentaram processos denominativos diversos. Assim, o quadro a seguir apresenta tais mecanismos a partir das perspectivas de Backheuser (1952); Stewart (1954); Dick (1992) e Dargel e Isquerdo (2018).

Quadro 3 – Causas denominativas dos topônimos.

Topônimos	Aspectos predominantes motivadores (DICK, 1992)	Causa denominativa
<b>Córrego Água Limpa</b>	Hidrotópônimo	Hidrográfica
<b>Córrego da Onça</b>	Zootópônimo	Zoológica
<b>Córrego Fundo</b>	Dimensiotópônimo	Tamanho
<b>Córrego/Ribeirão Lageado</b>	Litotópônimo ou Hidrotópônimo	Mineralógica ou Hidrográfica
<b>Ribeirão Bonito</b>	Animotópônimo Eufórico	Qualificativo
<b>Ribeirão da Paciência</b>	Animotópônimo	Sensações
<b>Ribeirão das Anhumas<sup>7</sup></b>	Zootópônimo	Zoológica
<b>Ribeirão das Cabaceiras</b>	Hidrotópônimo	Hidrográfica
<b>Ribeirão do Bebedouro</b>	Hidrotópônimo	Hidrográfica
<b>Ribeirão do Quilombo</b>	Etnotópônimo	Espaço de comunidade africana
<b>Ribeirão dos Porcos</b>	Zootópônimo	Zoológica
<b>Ribeirão Itaquerê<sup>8</sup></b>	Litotópônimo	Mineralógica ou Geológica
<b>Ribeirão São João</b>	Hagiotópônimo	Hagionimo

<sup>7</sup>**Anhuma**: Ornitologia: ave da família dos anhimídeos, gênero: Anhuma” (CARVALHO, 1987, p. 27);

**Anhuma**: id. Anhyma (...) **Anhyma**: ave. Fam. Palamedeídeos (BARBOSA, 1951, p. 29);

“tribo indígena que habitou a região; o nome provém de anhyma, ave da família dos lamadeídeos” (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 20)

<sup>8</sup>**Itaquera**: **Itá**: c. y-tá, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. Alt. Tá (SAMPAIO, 1928, p. 229). **Cuéra**: adj. Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (SAMPAIO, 1987, p. 226).

Há a possibilidade de o topônimo ter sofrido alteração ao longo do tempo. Caso tenha sofrido modificação a partir do y, tal etimologia é y: s. A água, o líquido; o rio, a corrente. É uma vogal gutural no tupi (SAMPAIO, 1987, p. 345).

<b>Rio Boa Esperança (cabeceira)</b>		Animotopônimo Eufórico	Expressão adjetiva
<b>Ribeirão do Chibarro</b>		Zootopônimo	Zoológica
<b>Rio dos Porcos</b>		Zootopônimo	Zoológica
<b>Rio Jacaré-Guaçu<sup>9</sup></b>		Zootopônimo	Zoológica
<b>Rio Jacaré-Pepira<sup>10</sup></b>		Zootopônimo	Zoológica
<b>Rio Mogi-Guaçu<sup>11</sup></b>		Hidrotopônimo	Hidrográfica e Zoológica
<b>Rio São Lourenço</b>		Hagiotopônimo	Hagionimo
<b>Rio Tietê<sup>12</sup></b>		Hidrotopônimo	Hidrográfica e Tamanho
<b>Ribeirão do Ouro</b>		Litotopônimo	Mineralógica

Fonte: elaborado pelos autores.

Observa-se que, dos 22 sintagmas toponímicos, 6 elementos genéricos são de origem tupi: *Anhumas*; *Itaquerê*; *Jacaré-Guaçu*; *Jacaré Pepira*; *Mogi-Guaçu* e *Tietê*; enquanto 16 são do português. Em se tratando da estrutura morfológica, 7 apresentam estrutura morfológica composta e 15 estrutura morfológica simples.

Vale salientar que o *Rio Boa Esperança* teve um aspecto motivador na macrotoponímia: no surgimento da cidade de Boa Esperança do Sul, a qual foi elevada a distrito em 21 de Julho de 1898. Outrossim, o *Rio Mogi-Guaçu* também teve grande influência como motivador, pois originou a cidade Mogi-Guaçu, em 1662, concomitante à chegada dos bandeirantes que se estabeleceram na região. Entretanto,

<sup>9</sup>**Jacaré:** corr. Ya-caré, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echácaré, aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1987, p. 263).

**Guaçu:** s., no tupi do Sul, exprime veado; no tupi costeiro diz-sesuaçu, aliás çoó-açu, que quer dizer, a caça grande, animal de vulto. Como adjetivo, exprime - grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se uacu; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, guaçu, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açú, oaçu, uçú (SAMPAIO, 1928, p. 206).

<sup>10</sup>**Pepira:** variante de *pipira*. corr". **Py-pira**, os pés ou canelas curtas; o anão. Pode ser também o particípio do verbo pipig, ferver, e então: o fervido, a borbulha, a fervura. (SAMPAIO, 1987, p. 301)

<sup>11</sup>**Mogyguaçu** "corr. *Mboy-gy-guassú*, o rio das cobras grandes. São Paulo. V. **Mogy**" (SAMPAIO, 1987, p. 285).

<sup>12</sup>**Tietê:** c. **Tiê-etê**, o verdadeiro tiê. V. **Tiê**. Pode o mesmo vocábulo proceder de **ty-etê** que significa rio bastante fundo, rio verdadeiro, considerável. São Paulo (SAMPAIO, 1987, p. 329).



o município não está nos limites em que *Os Sertões de Araraquara* abrangiam no século XIX. Mais uma vez, pode-se ver como os rios têm importância para a sociedade.

## 5 Considerações finais

A toponímia rural física demonstrou que há uma maior resistência na mudança de nome. Assim, nota-se que os hidrônimos preservam sua denominação ao longo da história. Além disso, compreende-se como a disciplina toponímia se interliga com outras áreas do saber, o que demonstra a interdisciplinaridade. A partir da leitura de cartas de sesmarias cujo foco se deu no nome próprio de lugar, foi possível reconstruir a memória coletiva e compreender minimamente como ocorria o processo de aquisição de propriedades rurais.

No que se refere à análise toponímica, notou-se como a *água* e a *fauna* tiveram maior ocorrência como aspectos motivadores ou como causa denominativa nos sintagmas toponímicos preservados, os quais se concentram na região central do Estado de São Paulo.

## Referências

BACKHEUSER, E. Toponímia. Suas regras, sua evolução. **Revista Geográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História. v. IX, X. n. 25, p. 163-195, 1952.

BARBOSA, P. A. Lemos. **Pequeno Vocabulário Tupi-Português**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BYNON, T. Can there Ever be a Prehistorical Linguistics? **Cambridge Archaeological Journal**. 5:2. London, 1995, p. 261-265. 1995. DOI <https://doi.org/10.1017/S0959774300015055>

CAMBRAIA, C. N. *et al.* Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil. **Para a História do Português Brasileiro**, v. 2, p. 552-555, 2001.

CARVALHO, M. R. **Dicionário tupi (antigo)-português**. Empresa gráfica da Bahia, 1987. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com>. Acesso em: 30 abr. 2023.

DARGEL, A. P. T. P.; ISQUERDO, A. N. Apontamentos sobre os designativos de acidentes humanos rurais no estado de Mato Grosso do Sul. *In*: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO; G. O. M. (org.). **As Ciências do Léxico**. Lexicologia. Lexicografia. Terminologia. v. VIII. 1ª ed. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 2018. p. 91-110.

DICK, M. V. A. P. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. A. P. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

IBGE. **Mapas Municipais Censo Demográfico (2010) escala 1:100.000**. Disponível em: [ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas\\_e\\_mapas/mapas\\_para\\_fins\\_de\\_levantamentos\\_estatisticos/censo\\_demografico\\_2010/mapas\\_municipais\\_estatisticos/ms/](ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/ms/). Acesso em: 12 abr. 2023.

IGC. **Instituto Geográfico e Cartográfico**. Disponível em: [http://www.igc.sp.gov.br/produtos/rede\\_hidrografica.html](http://www.igc.sp.gov.br/produtos/rede_hidrografica.html). Acesso em: 31 jan. 2023.

ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotoponímia na fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. *In*: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (org.). **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. V. 1ª ed. Campo Grande - MS: EDUFMS, 2010. p. 79-98.

LEITE, J. A.; DARGEL, A. P. T. P. A Motivação Semântica em Topônimos de Cassilândia/MS/Brasil: Um estudo preliminar. **Papéis**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS | ISSN 2448-1165, v. 24, n. Especial, p. 97-120, 2020.

LEITE, J. A. **A toponímia rural humana preservada nos Sertões de Araraquara (séc. XIX-XXI)**. 2021. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara - SP, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204350>. Acesso em: 10 maio 2023.

MANO, M. **Os campos de Araraquara**: um estudo de história indígena no interior paulista. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2006, p. 12.

MATORE, G. **La méthode en lexicologie**: Domaine francais. Paris: M. Didier, 1953.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

SAMPAIO, M. A. (org.). **Vocabulário guarani-português**. Porto Alegre: L&PM, 1986-1987.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. 3. ed. Bahia: Secção Graphica da escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SÃO PAULO (Estado). **Departamento de Produção Industrial. Livro dos municípios do Estado de São Paulo**. São Paulo: 1951. 1132 p. Disponível em: <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10012815&parte=1>. Acesso em 10 fev. 2023.

STEWART, G. R. A classification of place names. **Names**. Beckerley. v. II. n. 1. Março, 1954, p. 01-13. (Tradução: Prof. Erasmo d’Almeida Magalhães). DOI <https://doi.org/10.1179/nam.1954.2.1.1>

TIBIRIÇÁ, L. C. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi**: significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1985.

TRUZZI, O; FOLLIS, F. **A ocupação dos sertões de Araraquara**: das sesmarias e apossamentos à Lei de Terras de 1850. São Carlos: EduFSCar, 2012.

Artigo recebido em: 08.03.2023

Artigo aprovado em: 02.06.2023